

MOUSEION

Canoas, n. 43, 2022.

 <http://dx.doi.org/10.18316/mouseion.vi43.10620>

Do museu ao céu: um encontro virtual com crianças

Caroline Chamusca¹

Alanna Dahan Martins²

Patrícia Figueiró Spinelli³

Flávia Requeijo⁴

Taysa Silva⁵

Resumo: A partir da manifestação das crianças presentes na oficina “Do Museu ao Céu”, que integrou a programação do evento Interinstitucional “Férias nas Redes”, organizado pelo Museu Nacional em parceria com o Museu de Astronomia e Ciências Afins, BioParque, Projeto Ilhas do Rio e Abadá-Capoeira, esse trabalho se propõe a analisar quais os sentidos que as crianças atribuem a essa experiência. Foi possível acompanhar a composição performática das crianças ao longo da oficina, onde elas puderam interagir com a história contada a partir da plataforma virtual, abrindo espaço para a imaginação e interação com culturas e ciências diversas. No universo dos Museus, considerando as escassas pesquisas e realizações de ações educativas voltadas ao público da primeira infância, acredita-se que esse seja um estudo que possa contribuir para movimentar esse cenário.

Palavras-chave: Primeira Infância; Experiência; Plataforma Digital; Museu de Astronomia e Ciências Afins

From Museum to Sky: A Virtual Encounter with Children

Abstract: From the manifestation of the children present at the workshop “From the Museum to the Sky”, which integrated the program of the inter-institutional event “Férias nas Redes”, organized by the Museu Nacional in partnership with the Museu de Astronomia e Ciências Afins, BioParque, Projeto Ilhas do Rio and Abadá-Capoeira, this work proposes to analyze which meanings the children attribute to this experience. It was possible to follow the children’s performance composition throughout the workshop, where they could interact with the story told from the virtual platform, opening space for imagination and interaction with diverse cultures and sciences. In the universe of Museums, considering the scarcity of

1 Mestre em Educação; Museu de Astronomia e Ciências Afins; carolinechamusca@mast.br

2 Mestre em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde; Museu de Astronomia e Ciências Afins; alannamartins@mast.br

3 Doutora em Astrofísica; Museu de Astronomia e Ciências Afins, Ludwig-Maximilians-Universität e International Max Planck Research School on Astrophysics. pesquisadora adjunta do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST, desde 2013) e professora do curso de Pós-graduação Lato Sensu em Divulgação da Ciência, da Tecnologia e da Saúde Fiocruz/MAST/Jardim Botânico (DCTS, desde 2014). patriciaspinelli@mast.br

4 Mestre em Astronomia; Museu de Astronomia e Ciências Afins, Ludwig-Maximilians-Universität e International Max Planck Research School on Astrophysics. flaviarequeijo@mast.br

5 Mestre em Astronomia; Museu de Astronomia e Ciências Afins, Ludwig-Maximilians-Universität e International Max Planck Research School on Astrophysics. taysasilva@mast.br

research and educational actions aimed at the early childhood public, it is believed that this is a study that can contribute to move this scenario.

Keywords: Early Childhood; Experience. Digital Platform; Museum of Astronomy and Related Sciences.

Essa escrita como virtualização da memória, de acordo com Pierre Lévy (2001), dessincroniza e deslocaliza um encontro entre educadoras, pesquisadoras e crianças através de uma plataforma digital que compôs a programação das oficinas “Férias na Rede”, evento coordenado pela Seção de Assistência ao Ensino (SAE) do Museu Nacional (MN) em parceria com o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), o BioParque, o Projeto Ilhas do Rio e a Abadá-Capoeira. As atividades aconteceram no formato de oficinas online, durante uma semana que conciliava com o período de recesso escolar, voltadas para o público infantil. A proposta afirmava como objetivo desenvolver o interesse das crianças pelas ciências naturais e antropológicas por meio de atividades lúdicas. O objetivo dessa escrita é suscitar a reflexão sobre as experiências das crianças a partir da análise da contação de história “Do Museu ao Céu”, promovida pelo MAST em parceria com o BioParque.

Segundo Corsaro (2011), as crianças, como agentes sociais ativos e criativos, são produtoras de cultura e sujeitos de direitos, atravessadas pelas questões sociais. Porém, performam outras possibilidades de habitar esse mundo, contribuindo para a produção das sociedades adultas, o que mobiliza outros modos de fazer pesquisa. A análise das manifestações das crianças que participaram da oficina investigada, busca compreender essa experiência, no sentido Benjaminiano do termo. Para Benjamin (2012), a morte da experiência seria o apagamento sutil e conformado em nome de tudo que é científico, de tudo que pode ser experimentado e não da experiência do sujeito. Considerando fenômenos marginais da vida cotidiana a partir de elementos empíricos, o que revelam as ações das crianças? O que elegeram compartilhar? O que mobilizou maior interação? Como ocuparam essa plataforma digital em um encontro proposto por instituições museais e científicas? Interessa atingir o objetivo proposto na programação considerando a experiência no sentido benjaminiano do termo?

Walter Benjamin disserta sobre a experiência em diversos de seus escritos com multifárias abordagens, o que revela a importância do conceito em suas produções. Diante da polissemia do termo na obra do autor, é importante esclarecer que esse trabalho se concentra na ideia de experiência expressa nos ensaios *Experiência e Pobreza* (1933) e *O Narrador* (1936), onde atribui a sede pelo desenvolvimento e progresso ao empobrecimento da experiência humana como marca da modernidade. Afirma que a decadência da experiência se dá quando saberes tradicionais, artesanais e cotidianos são subjugados pela técnica científica. Quando a instrumentalidade da razão se sobrepõe à pergunta pelo sentido. Também contribui para essa discussão a reflexão sobre a experiência, através dos escritos de Benjamin em *Experiência* (1913) e *Brinquedos e Jogos* (1928) onde aponta uma postura pejorativa dos adultos em relação às experiências das crianças e jovens. Especificamente em *Brinquedos e Jogos* (1928), o autor explora a infância e suas materialidades inscritas nos brinquedos e outros aparatos infantis como possibilidades de conhecer a vida cotidiana e suas transformações impactadas pelo mundo moderno. Confronta as expectativas e intencionalidades dos adultos projetadas em brinquedos e jogos e as profanações que as

crianças estabelecem nas relações com esses jogos e brincadeiras.

A proposta deste trabalho é analisar quais sentidos as crianças presentes na oficina “Do Museu ao Céu” dão a essa experiência. Essa análise considera a atuação das crianças a partir de suas colocações no andamento da oficina e das apropriações que fazem da plataforma digital. Busca identificar se há momentos de profanação da proposta e como se dá a relação entre esses atores: criança-criança e criança-educador. Essa última, especialmente, revela a concepção de infância que baliza o trabalho proposto, além de indicar o quanto as crianças, por meio de atividades lúdicas, se relacionaram com as ciências naturais e antropológicas, atingindo assim o objetivo anunciado na programação do evento. É importante ressaltar que essa indagação quanto ao alcance do objetivo proposto não tem o caráter de apontar se a oficina foi bem-sucedida ou não, mas sim de levantar uma reflexão sobre quais sentidos podemos atribuir a essa experiência educativa.

A oficina “Do Museu ao Céu” integrou a programação de férias do evento nomeado como “Férias na Rede”, coordenado pela SAE do Museu Nacional, como já foi relatado anteriormente. A articulação da SAE com o MAST e as outras instituições — já citadas no início do texto — possibilitou a oferta de propostas variadas voltadas ao público infantil que diante do contexto de crise sanitária provocada pela COVID-19 ocorreu em formato digital. É importante ressaltar que a restrição das ações educativas aos meios digitais provoca uma redução das propostas museais para a primeira infância. De acordo com os estudos de Iszlaji e Marandino (2005), nos tempos pré-pandêmicos, tais propostas já não eram substanciais em relação a demanda e a presença desse público nos museus. Carvalho e Lopes (2016) relacionam a baixa ocorrência dessas ações ao fato da acessibilidade, no sentido geral do termo que inclui o público infantil, como algo que ainda está mais centralizado nos setores educativos, sendo essa uma questão fundamental para todo o processo museológico. Além de apontarem a carência de pesquisas acadêmicas sobre a temática crianças em museus como reflexo da precariedade de ações voltadas para o público infantil em espaços museais.

O Projeto Público Infantil em Museus de Ciência foi implementado, em 2018, pela Coordenação de Educação e Popularização da Ciência (COEDU), após avaliações e estudos institucionais constatarem que o público infantil, especialmente aquele que abarca a primeira infância, era pouco contemplado nas propostas educativas do MAST. Apesar da crescente e constante presença de crianças da primeira infância no museu, tanto como público espontâneo como público escolar, as ações que de certa forma acolhiam essa faixa etária, eram aquelas pensadas para famílias. A partir dessa constatação, a COEDU passou a promover ações específicas para esse público que tiveram ampla adesão. Percebeu-se, então, a necessidade de acolher crianças de até 6 anos de idade, para além de ações pontuais ou adaptações de propostas elaboradas para outros públicos. Nesse contexto, o projeto foi criado para desenvolver ações e pesquisas específicas de divulgação científica para e com essa faixa etária.

Uma das ações promovidas pelo projeto é a oficina “Do Museu ao Céu” que ocorreu no mês de julho de 2021, durante a tarde. O encontro aconteceu na plataforma *Zoom* e teve início com a presença de uma das educadoras da SAE - que ficou na responsabilidade pelo suporte técnico e de certo modo ciceroneou o evento coordenado pela instituição que atua - e as quatro educadoras do MAST. A primeira proposta da oficina foi uma contação de história encenada pelas quatro educadoras do MAST. Uma delas atuou como narradora da história e mediu o início do encontro acolhendo e orientando as crianças que

chegavam enquanto as outras três mantinham as suas câmaras fechadas para não revelar a surpresa de seus personagens. A História é um mito indígena, do povo Karajá, “A Origem da Noite”, que conta sobre uma aldeia onde não existia a noite e por isso seu povo vivia fatigado, sem conseguir descansar. O enredo se desenvolve a partir dessa busca pela noite com o encontro de diversos personagens que se aventuram pela floresta quando finalmente a noite é resgatada para alegria do povo.

Para contar essa história, as educadoras improvisaram e utilizaram diversos recursos visuais, onde suas casas passaram a ser o cenário da História, além de enriquecerem as cenas com: bonecos, maquiagens, figurinos, trilha sonora e ferramentas da plataforma *Zoom*, como os fundos de tela e uma configuração específica de layout para que fossem destacadas/os as/os personagens que estivessem em cena a cada momento, a fim de desenvolver a proposta de forma interessante. A contação da história durou 15 minutos e pareceu ter agradado as crianças que permaneceram atentas e aplaudiram ao fim. Após a contação de histórias, uma das educadoras, que é astrônoma, conduziu a segunda etapa do encontro questionando se as crianças costumavam olhar para o céu, de dia ou à noite e o que gostavam de observar. Solicitou que levantassem a “mãozinha” (ferramenta visual da plataforma *Zoom*) quando quisessem falar. Imediatamente após a sua solicitação, algumas mãos foram levantadas. Nas primeiras falas, a estratégia da “mãozinha levantada” foi utilizada, mas depois, a conversa prosseguiu de modo mais fluida com mãos levantadas mais esporadicamente e falas que surgiam espontaneamente sem utilizar o recurso.

A paisagem sonora do encontro foi protagonizada pelas falas das crianças. Muito à vontade, a partir da primeira provocação da astrônoma, contaram que gostam de ver as estrelas, a lua, os pássaros, a lua cheia laranja, a lua de dia e uma delas contou que observa o céu a partir de duas janelas que ficam dentro de um armário no seu quarto. Alguns repetem os elementos que outras crianças citaram, acrescentando alguns detalhes mais pessoais ou mesmo reiterando o que o outro colocou. As explanações quanto ao que viam no céu foi atravessada pela fala de um menino de cinco anos que disse:

Gente, tem uma vez que eu tava dez horas da manhã e de repente ficou de noite. Então eu tava cinco horas da manhã e a Clarice achou que alguém desligou o relógio da noite, o relógio da cidade. Então eu achei que o vilão desligou. Então, de repente ficou de noite e eu não vi. Mas quando eu entrei no quarto e vi já estava de dia (D.F, 2021).

Após essa colocação, a astrônoma perguntou: “Você percebeu que clareou assim sem olhar pela janela?”. E a criança respondeu com outra pergunta: “Vocês já perceberam? Eu nunca vi isso na minha vida”. As falas desse menino revelam uma fabulação criada a partir da história que foi contada e talvez também seja inspirada nas colocações das outras crianças que contaram sobre o fato de ser possível ver a lua de dia. Interessante observar nessa fabulação, a ideia do relógio, o relógio da cidade que determina quando é dia e quando é noite. Portanto, essa colocação embora não responda diretamente a provocação inicial da astrônoma, demonstra como essa criança compreende os fenômenos do dia e da noite. Traz mais pistas sobre suas hipóteses “astronômicas” do que os relatos mais realistas. Embora todas as contribuições das crianças sejam relevantes para a proposta, muitas vezes, os desvios são subjugados e negligenciados.

Método é desvio. A apresentação como desvio – eis o caráter metodológico do tratado. Renunciar ao curso ininterrupto da intenção é sua primeira característica. Incansavelmente, o pensamento começa sempre de novo, volta minuciosamente à própria coisa. Esse incessante tomar fôlego é a mais autêntica forma de existência e contemplação (BENJAMIN, 1986, p.50).

De acordo com Oliveira (2013), a maior contribuição que os museus podem oferecer para o público infantil, independentemente de sua tipologia, é a possibilidade de expandirem sua imaginação e, assim, provocar o sentimento de admiração pelas coisas do mundo. Logo após a explanação da fabulação relatada houve uma situação adversa. Uma das crianças comentou que já viu um eclipse e então uma das educadoras indagou o que seria um eclipse. Um menino falou: “É quando o sol e a lua ficam do mesmo lado”. Outra criança complementou: “Na verdade, eu estava achando que o eclipse era quando a lua entrava na frente do sol e ficava tudo escuro”. A astrônoma explicou que existem dois tipos de eclipses e em seguida uma menina diz: “Aí as corujas ficam: Ai, gente, acabei de dormir! Como tá de noite agora?”. Um menino toma a palavra e afirma com segurança: “Não, não. Não é isso. Cada parte do dia é assim, ó: primeira parte: de dia. Depois, à tarde. Aí termina o dia: de noite. Acabou.” Essa colocação revelou uma resistência quanto à possibilidade de abstração, o que se aproxima do que Benjamin define como empobrecimento da experiência. A imaginação incita toda e qualquer aprendizagem e provê subsídios essenciais para a experiência, compreensão e expressão.

O terceiro momento da oficina foi uma parceria com o BioParque do Rio, onde a educadora que atua na instituição fez a mediação em parceria com uma das educadoras do MAST, que também é bióloga. A ideia era que a partir do conto e da conversa que suscitaram reflexões sobre elementos naturais que constituem o dia e a noite seria disponibilizado para as crianças sons de animais noturnos e as crianças tentavam descobrir o animal que emitia. Depois de desvendarem o desafio, a bióloga do BioParque compartilhava uma imagem do animal e conversava sobre as características do bicho. As crianças ficaram entusiasmadas trazendo várias colocações e perguntas. Muitas afirmaram que já conheciam o parque e uma delas faria a visita presencial na mesma semana. Um menino que mora em Fortaleza perguntou em que cidade ficava o BioParque e demonstrou frustração ao saber que fica no Rio de Janeiro. Além disso, quando a bióloga encerrou a apresentação dizendo que já tinha mostrado todos os bichos, as crianças reclamaram, perguntaram pelo leão e a educadora informou que nem presencialmente era possível ver o leão porque ele estava no veterinário. Uma menina interrompeu dizendo que tinha se atrasado e por isso perdeu a história. Já passava de uma hora de encontro e as crianças esboçaram vontade de ficar mais.

Importante ressaltar que a reflexão suscitada neste trabalho a partir da fala das crianças não busca fazer uma análise sobre elas a partir desse único encontro, mas sim pensar através de suas falas e movimentos como performaram essa experiência. O mesmo menino que diante da conversa sobre o eclipse, seus impactos visuais e nos hábitos dos animais invalidou o fenômeno, em alguns momentos do encontro, informava voluntariamente quantas pessoas estavam no *Zoom*, ou se haviam crianças com a “mão levantada”. Ele portava um grande fone de ouvido com microfone e utilizava um fundo de tela de paisagem. Durante a proposta do BioParque logo após a educadora dizer que o morcego gosta de ficar em lugares escuros, esse menino pediu a fala e apontando para seu fundo de tela, indicou com o dedo a parte mais baixa escurecida de uma montanha nevada e falou: “Olha só, eu acho que os morcegos ficam nesses lugares escuros da neve. Aqui, ó!”. Depois abaixou a mão e apontou para o gramado em frente a montanha nevada e disse: “Agora aqui. ó! É onde ficam as onças pintadas”. Esses apontamentos revelam uma certa familiaridade e também apropriação das possibilidades de usar a plataforma. Houve também uma breve conversa no *chat* entre duas crianças que não se conheciam. Uma delas estava utilizando uma foto referente a um jogo eletrônico, o que chamou atenção da criança que iniciou a conversa questionando

se o menino jogava determinado jogo eletrônico. Ele respondeu que sim, mas a conversa não prosseguiu.

Muitas outras nuances, movimentos e colocações que aconteceram neste encontro poderiam ser abordadas aqui. Mesmo com as restrições que o mundo digital impõe, essa oficina contou com a presença de dezesseis crianças que preencheram o espaço e o tempo disponibilizado, explorando várias possibilidades de ocupar essa plataforma digital. Propor ações de educação e pesquisa voltadas para o público infantil requer fazer com e fazer junto. Embora as educadoras/pesquisadoras que atuaram na oficina tivessem uma intencionalidade e mesmo um compromisso de que a proposta agregasse conhecimento e cultura. Esses não foram os únicos propósitos e também não os mais importantes e prioritários. A dinâmica da oficina criou uma espécie de coreografia dançada e criada em conjunto entre as crianças e as educadoras. Onde as educadoras já haviam ensaiado uns passos iniciais como um convite para a dança.

Carvalho e Porto (2013) apontam para a escassez de pesquisas com crianças no museu que se propõem a ouvi-las e observá-las em seus movimentos, gestos, escolhas, colocações e desinteresses. Apesar dos objetivos e recursos que balizaram a oficina “Do Museu ao Céu”, as protagonistas do encontro foram as crianças que contribuíram com conhecimentos científicos, principalmente em relação aos animais e também levantaram questionamentos, o que demonstrou que estavam instigadas e envolvidas. Portanto, o objetivo proposto na programação foi contemplado, mas diante do compromisso da instituição museal que já está posto, que é o de agregar conhecimento e cultura, esse trabalho não considera que esse seria o objetivo prioritário da oficina. Escutar e observar as crianças em uma plataforma digital, que é algo recente, em uma atividade educativa que não é obrigatória, é mais que uma experiência educativa, é uma experiência social para crianças e educadoras.

Referências

- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política. Obras Escolhidas I**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.
- CARVALHO, Cristina; PORTO, Cristina. Crianças e Adultos em Museus e Centros Culturais. In: KRAMER, Sonia; NUNES, Fernanda; CARVALHO, Cristina. **Educação Infantil: formação e responsabilidade**. Campinas: Papyrus, 2013.
- CARVALHO, Cristina.; LOPES, Thamiris. O público infantil nos museus. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 911-930, jul./set. 2016. Disponível em <https://www.scielo.br/j/edreal/a/fFmjLFQtTPCnMCZpCHgXTpb/?format=pdf&lang=pt> Acesso em março de 2022.
- CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. 2. ed., Porto Alegre: Artmed, 2011.
- ISZLAJI, Cynthia; MARANDINO, Martha. **A criança nos museus de ciências: análise da exposição mundo da criança do museu de ciência e tecnologia da PUCRS**. 2012. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- LÉVY, Pierre. **O Que é Virtual?**. Rio: Editora 34, 1966.
- OLIVEIRA, Alessandra. Museu: um lugar para a imaginação e a educação das crianças pequenas. In: KRAMER, Sonia; ROCHA, Eloisa. **Educação Infantil: enfoques em diálogo**. Campinas: Papyrus, 2013, p. 313-330.